
F

AZER DA QUEDA UM TRAMPOLIM: OU COMO UM SOLDADO DA BORRACHA SE TORNOU PASTOR

Véronique Boyer

Centro Nacional de Pesquisa Científica
Paris – França

Este artigo relata a trajetória de um soldado da borracha que foi para a Amazônia durante a Segunda Guerra Mundial. Analisa-se, especificamente, a maneira como ele relata um itinerário onde se misturam deslocamentos geográficos, mudanças de filiação religiosa e de atividades profissionais. Essa narrativa é interessante por dois motivos. Antes de mais nada, porque a história de João Braz da Silva e sua esposa Guiomar não é original em si. Ele é um dos cerca de 55 mil nordestinos¹ que se estabelecem na Amazônia, trabalham em um seringal e lá se casam; ela, filha de um pequeno patrão², nasceu no próprio seringal e desposa um dos vários migrantes que a região não para de receber desde o fim do século XIX³. Pode-se portanto afirmar que, nesse período e contexto regional, sua trajetória pessoal exemplifica numerosos outros percursos e que sua análise permite esclarecê-los.

Porém, a história desse casal é igualmente importante por sua singularidade, tendo em vista que ela se une à história da Assembleia de Deus⁴, que mal começava na época a entrar na Amazônia do oeste e hoje está entre as principais igrejas evangélicas do país⁵. De fato, esse homem se tornou um dos primeiros pastores ordenados da igreja nessa região nos confins do Amazonas e do Acre, enquanto sua esposa, antes mesmo de conhecê-lo, se esforçava com muita persistência para converter os moradores do seringal e arredores, falando a eles sobre as “boas novas”. Logo, a narrativa de sua

vida, que se dá pelo prisma do seu pertencimento religioso atual, permite também compreender as modalidades, por um lado, da difusão de uma nova crença do ponto de vista dos atores sociais que a espalham e, por outro lado, da substituição de uma base religiosa por outra.

Pastor jubilado, João Braz da Silva tinha oitenta e três anos no momento da entrevista, em 1998. Ele morava com sua esposa em uma agradável casa em Cruzeiro do Sul, segunda cidade do Acre, no extremo oeste do estado, onde viviam cercados por seus filhos. Eu ainda ignorava o que sairia dali, mas o pastor já havia decidido que se tratava de escrever a sua biografia. Ele compreendia nosso encontro não como uma conversa casual sobre as condições de vida dos soldados da borracha ou sobre processos de conversão, nem mesmo como uma ocasião propícia para testemunhar sobre uma época através do relato de sua experiência. Para ele, era a oportunidade de ver sua reputação transpor os limites da igreja de Cruzeiro do Sul. “Escreve isto”, “Depois, a senhora vai dar jeito nisto tudo, não é?” e outras expressões regularmente chamavam-me à ordem, mostrando o valor que ele atribuía à sua fala. As longas intervenções de Guiomar e a descrição de sua própria conversão e da evangelização das vilas vizinhas completaram a fala de Braz, esclarecendo certos aspectos da condição feminina e da implantação evangélica nas zonas dos seringais durante esse período.

O conjunto é apaixonante porque nos dá uma versão inédita das leituras habituais. O que predomina nas narrativas não é, de fato, nem o tema da luta para conquistar um espaço político-religioso, nem o da denúncia dos inimigos do novo grupo formado, nem mesmo o da perseguição dos “crentes” pelos católicos⁶. Destes, fosse o seringueiro vizinho ou os padres encontrados, não se esperava nada além de incompreensão, até mesmo oposição radical.

De forma mais original, Braz encontra explicações para grande parte dos eventos bons ou ruins de sua existência os relacionando à fé que compartilha com a esposa, que o precede nesse caminho e converteu sua própria família antes mesmo de sua chegada. Assim, os laços de amizade que ele tece durante seu trajeto pela Amazônia teriam surgido da afinidade religiosa, bem como a forma como se inseriu no seringal até casar-se com a filha do patrão remeteria, como veremos, ao fato dele ter se declarado “crente”. Os episódios difíceis de sua vida são igualmente interpretados sob a mesma ótica. De fato, ele atribui sua saída do seringal, onde tinha encontrado, por um momento, uma certa estabilidade, à ação de um de seus companheiros de viagem, evangélico como ele e que se tornou no intervalo seu cunhado.

Como escrevi em outra ocasião (2008), os evangélicos não defendem a ideia de uma moralidade coletiva. De maneira mais pragmática que indulgente, eles admitem a possibilidade de “desvios” no grupo religioso, a ponto de criarem uma categoria para todos aqueles que se converteram no passado e hoje não respeitam os preceitos religiosos. Tanto o adúltero quanto o consumidor de fumo ou álcool ou o traficante de drogas são considerados “afastados” ou “desviados”, se um dia responderam ao chamado do pastor (mesmo que não se reconheçam como evangélicos). Porém, parece-me que

nenhum deles suscita tanta reprovação quanto o “crente de capa”, aquele que assiste regularmente ao culto sem que seu coração tenha sido “verdadeiramente transformado” e que não pode ser detectado no grupo de fiéis reunidos. Essa figura corresponde sem dúvida a uma categoria acusatória eficaz, que serve para atribuir a si mesmo um papel heroico e, na mesma oportunidade, desqualificar eventuais concorrentes. Aqui ele me interessa pelo modo pelo qual ela é introduzida na narrativa para comentar e tornar inteligível os altos e baixos de uma história singular.

No relato apresentado, o cunhado, cujos atos confirmam a dissimulação, que não teria outra explicação além de sua perfídia natural, encarna a ovelha negra escondida entre os crentes, aquela que ressalta, por contraste, a integridade e qualidades pessoais daquele que é capaz de identificá-la. O homem que assume os traços de alguém com poucos escrúpulos é então designado como a *causa* da partida de Braz e das dificuldades por que ele passou. No entanto, aparece também de maneira indireta no relato um ponto de vista quase simetricamente oposto. De fato, é igualmente possível sugerir que foi *graças a ele* que Braz se esforçou sem cessar para se tornar pastor. A ideia de missão religiosa que, como tantos outros de seus correligionários, ele não para de evocar durante nossa entrevista é enunciada como sendo o fruto de uma vocação independente de contingências, apesar dela ser forjada, na realidade, pelas limitações materiais e pelas portas que se fecham. Espero que este estudo de caso permita compreender melhor como o discurso religioso evangélico opera na reinterpretação dos acontecimentos passados.

A longa viagem de um crente do nordeste católico até a Amazônia dos seringais

Nascido no dia 3 de fevereiro de 1915 em uma família católica praticante, Braz é originário da região de Serra de Santana, no Rio Grande do Norte. Em 1933 e 1943, ele se desloca pelo estado, trabalhando como empregado das ferrovias nas regiões de Angicos e Caicó e depois nas salinas de Macau, de Imburana e de Areia Branca, pequenas áreas urbanas na costa atlântica⁷.

Durante suas peregrinações no sul do estado, Braz entra pela primeira vez em contato com os pentecostais, que lhe dão o livro onde teria encontrado as respostas para questões já antigas. Pois, ele afirma que, apesar de ter acompanhado seus pais à missa dominical como toda criança, jamais compreendeu como se podia adorar representações antropomórficas, que não são nada além de estátuas de “pau morto”, de seu ponto de vista atual. Aliás, foi por isso, ele conta, que se afastou do catolicismo enquanto crescia, um distanciamento que interpreta como uma forma de ateísmo.

Em 1938, deixa mais uma vez a casa da família em Veneza para ir ao porto de Areia Branca, onde encontra outros pentecostais; com esse contato, abandona definitivamente “aquela tolice de ateu”. Durante quatro anos, Braz frequenta assiduamente a congregação de Areia Branca. Declara publicamente aceitar Jesus como seu salvador em 20 de dezembro de 1938 e conhece o batizado com fogo pelo Espírito Santo em

29 de setembro de 1939. No entanto, não se decide pelo batismo com água, que o integraria como um membro efetivo da igreja⁸; inclusive não paga o dízimo, dever primordial de todo verdadeiro crente. Deve-se dizer que o pentecostalismo, introduzido no Rio Grande do Norte em 1917 por migrantes que residiram na capital do Pará, só conseguiu se estabelecer nas pequenas cidades do interior a partir dos anos 1920 e que, dez anos mais tarde, fortes pressões sociais ainda se exercem contra quem quer se tornar crente. Isso explica com certeza as hesitações de Braz, assim como o medo de ser vencido pelos desejos da juventude, como afirma. Ele esperou quase seis anos antes de tomar a decisão em 24 de outubro de 1944, mudando no meio-tempo de região e de família de referência.

Assim, Braz ainda está em Areia Branca quando a campanha de recrutamento voluntário para extrair borracha nos estados do Amazonas e do Acre está no auge. Ao contrário das ondas migratórias precedentes, encorajadas por sociedades privadas⁹, essa foi essencialmente organizada pelo governo, sendo a *Rubber Reserve Company* responsável pelos encargos financeiros¹⁰. Apelando para a fibra patriótica e os atrativos de um trabalho que os cartazes diziam ser fácil, colocando como alternativa inquietante ser enviado à Itália junto ao corpo expedicionário, os recrutadores insistam sobre as supostas vantagens dos contratos propostos aos futuros extratores, contratos cujas cláusulas estipulam: transporte e equipamento a cargo da União, isenção do serviço militar, assistência médica e sanitária durante a viagem, pagamento de uma pensão à família em caso de invalidez ou falecimento (Martinello 1988:235-241; Wolff 1999:138). Apenas os dois primeiros pontos serão efetivamente respeitados, os outros permanecerão apenas no papel.

A oferta parece atraente para um homem constantemente confrontado com as dificuldades cotidianas e, no dia 15 de abril de 1943, aos 28 anos, Braz decide tentar a sorte na Amazônia¹¹. Deixando Areia Branca pelas estradas, ele para um dia em Mossoró, depois segue para Fortaleza, capital do Ceará, onde espera por 13 dias. Em seguida, chega a São Luís do Maranhão de trem, depois de três dias em Teresina, capital do Piauí, seguidos de quinze dias de parada em Coroatá¹².

Três dias depois de ter chegado a São Luís, Braz e alguns milhares de companheiros de infortúnio são colocados em dois barcos com destino à capital do Pará. O pastor tem a sorte de estar a bordo de uma embarcação que chegará intacta ao porto de Belém, em 19 de maio de 1943. Os submarinos alemães, que impunham um bloqueio marítimo ao Brasil durante a Segunda Guerra (Benchimol 1992:228), afundarão o Dom Pedro, que naufraga com passageiros e carga.

Braz e seus companheiros são alojados em Pinheiro, pequena cidade próxima à Belém, hoje chamada Icoraci, onde lhes são ensinados os fundamentos da profissão de seringueiro, ou seja, como sangrar corretamente as seringueiras. Em torno de um mês depois, são mais uma vez colocados em uma embarcação americana, o Jaime Moss, em direção a Manaus, aonde chegam em três dias. Um mês mais tarde, durante o qual recebem novo treinamento, exatamente no dia 24 de julho, Braz sobe o rio Juruá a

bordo de um barco menor que o deixa em João Pessoa, antigo nome da pequena cidade de Eirunepé, na noite 22 de agosto de 1943. Sua viagem tinha durado, no total, quatro meses e uma semana¹³.



Em vermelho, o trajeto por via rodoviária; em verde, de trem; e, em azul, o trajeto feito de barco.

Mapa 1– Trajeto de Areia Branca a São Luís do Maranhão



Mapa 2 – Trajeto por via fluvial

A vida de seringueiro tem de esperar um pouco enquanto Braz serve como tripulante em uma barca do governo encarregada do abastecimento da região. É quase dois meses mais tarde que, a bordo de um barco parecido, ele chega no dia 12 de novembro de 1943 ao seringal Esperança, na margem esquerda do rio Juruá; junto com um companheiro de viagem também oriundo do Nordeste, João Gomes de Queiroz.

Seja na embarcação de São Luís a Belém, quando lê a Bíblia para seus companheiros, ou, logo que desembarca, quando fala do evangelho àqueles que ainda não abriram os olhos, Braz demonstra muita vontade de espalhar a fé evangélica. No entanto, comenta, onde quer que fosse, uma mulher notável parece estar sempre à sua frente na campanha de evangelização. Reconstrução apropriada, coincidência fortuita ou sinal de um destino a cumprir, essa mulher vem a ser casualmente a filha de seu futuro patrão.

A reputação de Guiomar: uma esposa desejável

Em Eirunepé, Braz acaba avistando de longe essa mulher que, a crer no que ele diz, sabe imediatamente que se tornará sua esposa, mesmo tendo plena consciência, diz ainda, do disparate desses pensamentos: “Aí acontece, aquilo disse assim pra mim: ‘é a tua esposa’, parece uma mentira mas é verdade”. Guiomar, que na época tem 26 anos, é totalmente diferente das jovens que o recém-chegado encontrara até então. Começando pela aparência física: é tão branca que Braz pensa que é americana. Além disso, é uma mulher que afirma em alto e bom tom suas convicções religiosas: movida pelo fervor de sua fé, que procura com insistência testemunhar aos outros, ela circula bastante, sozinha ou acompanhada dos irmãos. Enfim, o pastor descobrirá mais tarde, ela tem experiência na cidade grande: morou seis anos em Manaus, na casa de um tio por parte de mãe. Foi, aliás, durante essa estadia na cidade, quando sua irmã voltou convertida do Rio de Janeiro, onde estudava, que Guiomar se deu conta de que “tinha Jesus no [seu] coração”.

Morrendo de vontade de compartilhar uma fé recente com uma família até então muito católica, as irmãs iniciam a viagem de um mês e meio de volta ao seringal. Mas ambas foram instruídas pelo pastor de Manaus sobre os erros que, por excesso de zelo, os recém-convertidos cometeriam frequentemente. Elas mantêm assim uma grande deferência aos ritos e crenças dos pais. A novena que a mãe dedica a seu santo de devoção é realmente um momento importante do dia em que a família se reúne. O processo de adesão do grupo ao pentecostalismo começa pela cura extraordinária de uma empregada, primeira a romper publicamente com o catolicismo, quebrando seus objetos religiosos. Segundo Guiomar, essa conversão inicia uma bola de neve e rapidamente todos no seringal professam a fé evangélica. Seus pais estarão entre os últimos. Em um primeiro momento, a mãe delega à sua filha mais nova a direção da oração para São Francisco, antes de renunciar definitivamente a uma prática a partir de então considerada idólatra. Durante esse tempo, o pai (“um cabra assim [...] cuidadoso. Ele

examinava muito as escrituras mas não era crente ainda, ele tinha vontade mesmo de saber uma verdade verídica mesmo”) inicia um longo périplo até a capital paraense a fim de conhecer melhor a nova religião de que fala sua filha. Vinte dias depois de sua partida, um telegrama informa aos moradores do seringal do batismo do patrão com água, o que sela seu destino religioso. A construção de um pequeno templo de madeira nas proximidades da casa grande confirma a adesão das quarenta famílias instaladas nas terras de Boa Esperança, umas duzentas pessoas incluindo crianças.

A cura da empregada, o afastamento das práticas católicas pela mãe e, enfim, a conversão do pai atestam a tenacidade de Guiomar ao transmitir o que ela crê ser a verdade da mensagem bíblica, da sua forte personalidade e da sua ascendência sobre o grupo. É provável que o desenrolar dos acontecimentos tenha sido mais lento do que em suas lembranças, mas a contração do tempo da mudança religiosa é um processo narrativo recorrente para salientar e valorizar a profundidade, assim como a extensão das transformações. Porém, essa rememoração revela também relações sociais de desigualdade. A sequência de conversões evocada por Guiomar reflete de fato uma estrita inversão da hierarquia local e das posições ocupadas pelos indivíduos. A primeira a tomar a decisão é uma empregada a respeito da qual se pode supor, ao mesmo tempo, que sua religião pouco importa para os patrões, e que as certezas da filha da casa pesaram decisivamente sobre ela. No fim dos acontecimentos, a adesão do pai, o último a se juntar à crença, comanda a fundação de uma nova ordem à imagem da antiga, aperfeiçoando-a. Ela lhe permite reafirmar sua autoridade sobre o grupo local, somando ao seu estatuto de patrão o de líder religioso.

Depois de ter convertido os pais e seus dependentes, Guiomar vai se aventurar longe do seringal paterno. Mais de cinquenta anos depois dos fatos, Braz ainda parece maravilhado pelas proezas daquela que ainda não era sua esposa, pouco de acordo com a reserva que era esperada das mulheres daquela época. Aproveitando as embarcações que sobem as mercadorias de Manaus e descem a borracha de Cruzeiro do Sul, Guiomar percorre a região do Juruá até o rio Solimões, evangelizando as aldeias onde os barcos param para se reabastecer de carvão. Ela enriquece o discurso do marido, lembrando as dificuldades de locomoção e sua capacidade de enternecer até mesmo os mais reticentes – o comandante do barco, por exemplo, com sua atitude tanto inflexível – ela atrasa o barco enquanto não acha que terminou – e modesta – só se impõe tendo em mãos o livro sagrado. Em nosso encontro, ela ainda nomeava com prazer os povoados que evangelizou ao longo de suas viagens de um mês e meio no rio.

As resistências que Guiomar encontra, longe de desencorajá-la, convencem-na ainda mais, se isso é possível, do fundamento de sua missão, já que, como dizem os pentecostais, “o evangelho sempre foi perseguido”. As dificuldades que aparecem para ela fazem então todo sentido. Não se sentindo suficientemente apoiada pelos irmãos, que descreve como “recém-convertidos acanhados”, Guiomar decide fazer um pacto secreto com Deus: devoção total à Sua causa em troca de “um trabalhador do evangelho para me casar com ele, seja preto, seja branco”. As rezas e jejuns repetidos

que ela se impõe parecem recompensados dois anos mais tarde, quando um de seus irmãos lhe fala de um homem que foi “pastor em Areia Branca e vem para o seringal”.

Esse irmão atribui a Braz, na verdade, um título que ainda não tem. Ainda que participasse bastante da congregação de Areia Branca, ele só se tornaria pastor, oficialmente ordenado pela igreja, alguns anos mais tarde. A flexibilidade do uso do termo, atestada pela sua aplicação a meros participantes do movimento, mostra o quanto, desde o começo do pentecostalismo, a função de pastor era sinônimo de autoridade e creditava àquele assim qualificado um inegável prestígio – independentemente de um efetivo reconhecimento institucional.

Braz e Guiomar então ouvem falar um do outro antes mesmo de se conhecerem e teriam decidido cada um em seu canto fazer do desconhecido seu cônjuge, com o único critério explicitado de sua escolha a mesma religião. De um ponto de vista mais concreto, deve-se observar que o casamento era vantajoso para Braz já que Guiomar, que não é mais tão jovem para uma primeira união, representa um bom partido para um migrante sem nenhum dinheiro. Por outro lado, esse exemplo confirma as análises sobre a condição feminina nos seringais. Longe de simplesmente sofrer com a dominação masculina na região em uma época em que as mulheres são raras, essas conseguiam elaborar estratégias matrimoniais (Pantoja 2001). É assim que Guiomar dita de certo modo as próprias regras para o pai e impõe o pertencimento religioso como uma exigência a seus pretendentes.

Seringalista e evangélico

A conversão do pai de Guiomar, João Dias de Souza, merece atenção especial. Porque, além de uma simples escolha religiosa individual, pode-se ver nessa adesão ao pentecostalismo a construção de uma estratégia familiar para se defender de um vizinho ameaçador, em um contexto em que a influência dos patrões sobre os seringueiros não é mais como antes. Saliente-se que João Dias de Souza não nasceu patrão. Antes de poder se instalar por sua conta, ele ocupou várias posições que dão uma noção de como se dá economicamente a exploração da borracha. Começa trabalhando como representante de uma firma carioca que o envia para reabastecer de mercadorias os seringais dessa zona nos confins do Amazonas e do Acre. Quando aparece a oportunidade de deixar essa vida itinerante, ele exerce por algum tempo a função de “caixeiro” entre num deles, alçando-se então ao estatuto de empregado “intermediário”¹⁴ entre o patrão e os seringueiros que vêm se abastecer na loja. Ele arrenda em seguida um seringal em um afluente do Juruá antes de juntar a quantia necessária para a compra de Boa Esperança, nos anos 1920, que contava entre “50 e 60 seringueiros”.

Mesmo que esse número pareça grande, Braz e sua esposa salientam que o “pai nunca fez riqueza”. De fato, a crise de 1912 passou por lá, fazendo a posição de patrão cair drasticamente no sistema de aviamento. Antes da queda da cotação da borracha, as companhias internacionais financiavam as casas comerciais, com base em Belém,

Manaus ou Rio de Janeiro, que forneciam aos patrões os produtos manufaturados que eles cediam, por sua vez, aos seringueiros em troca de suas produções futuras. Em retorno, cada seringalista pagava os empréstimos concedidos lhes dando a borracha obtida, que era transferida aos exportadores. Essa corrente de dependência mútua era ainda reforçada pelo fato de que a circulação de mercadorias se fazia a crédito (Martinello 1988:45). Mesmo sendo tributários de firmas comerciais, os patrões mantinham então sem dificuldade sua autoridade sobre os seringueiros, também chamados de fregueses, usando quando necessário a violência para controlá-los, fixando eles mesmos o preço das mercadorias e proibindo qualquer outra atividade de produção além da colheita do látex. Seguindo Samuel Benchimol¹⁵, Pedro Martinello observou a ambiguidade da condição social dos seringueiros-fregueses em face do patrão-seringalista: mesmo que socialmente o seringueiro fosse livre, sua condição real se assemelhava à de um servo, escravo de uma dívida que ele não podia pagar e que o ligava para sempre ao patrão (Martinello 1988).

Mas, nos anos 1920, o sistema desmoronou, provocando a falência de vários estabelecimentos de comércio e, conseqüentemente, a ruína dos seringalistas que eles sustentavam. Assim como vários pequenos patrões da época, o pai de Guiomar pena para encontrar mercadorias para abastecer seu barracão e manter sua autoridade sobre os seringueiros instalados onde ele considera serem suas terras. Sua incapacidade de se abastecer de mercadorias vai favorecer o desenvolvimento do comércio itinerante de regatões independentes e a propagação da “ideia de que o seringueiro devia vender a borracha para quem pudesse suprir as suas necessidades” (Wolff 1999:149). O aviamento subsiste, mas está claramente enfraquecido. A independência econômica adquirida pelos seringueiros que diversificam suas atividades de produção (plantação, caça e pesca) lhes confere uma capacidade de negociação com “seu” patrão: podem decidir não dar-lhe toda a borracha, dar uma parte a outro patrão ou abastecer-se nos vizinhos (Wolff 1999; Pantoja 2001). Como Braz relembra em nossa entrevista: “Você sabe seringalista ele pega muito atranvocado; o freguês chega, colha, ele faz larga e vai embora”.

Tendo em vista essa liberdade, mesmo que relativa, da qual os seringueiros usufruem, talvez se deva relacionar também a conversão de João Dias de Souza à expressão de rivalidade entre dois seringalistas vizinhos pelo controle da produção de borracha e, portanto, dos homens que a recolhem. O patrão de Bom Jardim, uma área na outra margem do Juruá maior que Boa Esperança, cobiçava essas terras fazia algum tempo e terminará, como veremos, por conquistá-las. Pode-se sugerir então que a adesão ao pentecostalismo apareceu eventualmente para o pai de Guiomar como um meio de unir seus dependentes a partir de um pertencimento religioso comum, diferente daquele de seu vizinho, contra-atacando desta forma a visão expansionista deste. Essa escolha religiosa remeteria então igualmente a uma defesa de interesses pessoais.

A nova fé adotada pelo seringalista e seus dependentes lhe permite além disso adotar, sem deixar explícito, uma posição mais ofensiva; em nome do dever imposto a todo verdadeiro crente de propagar a Palavra de Deus e com a benevolente neutralidade

de seu pai, se não sob suas ordens, Guiomar se aventura regularmente nas terras do patrão de Bom Jardim. As incursões de proselitismo provocam a cólera do seringalista, que acaba por levar o caso ao delegado, que, contra todas as expectativas, não vê mal algum: “Aí sabe que o delegado disse: ‘quisera eu ter aquele povo pra trabalhar comigo, que aquilo é um povo de Deus, um povo que não faz mal à ninguém’”, conta Guiomar. Porém o seringalista católico tinha certamente razão de recear a implantação de uma congregação evangélica em suas terras e entre seus seringueiros. Em uma época em que os patrões não tinham mais controle absoluto dos produtores estabelecidos no seringal, as recomposições sociais e/ou as transferências de fidelidade podiam acontecer das mais diversas maneiras. Quem sabe então, como com certeza esperava o pai de Guiomar, se os seringueiros convertidos de Bom Jardim não cederiam à ilusão de que entregar o fruto de seu trabalho a um patrão também crente lhes asseguraria uma sorte melhor?

A integração do migrante ao seringal

Quando Braz chega a Boa Esperança em novembro de 1943, o conjunto de moradores já é evangélico e sua vida é ritmada pela participação nos cultos. Segundo o pastor, quando ele vai cumprimentar o pai de Guiomar, não é somente porque um subordinado deve se apresentar a seu patrão, mas também porque, em uma interpretação mais igualitária de seu gesto, ambos são evangélicos. Os pentecostais têm de fato por hábito, quando se mudam, conhecer a congregação e o líder religioso do lugar. Durante a conversa, os dois homens descobrem que têm uma origem nordestina comum, o pai tendo feito parte das ondas migratórias precedentes e criado raízes na Amazônia. Além disso, eles se afirmam – e nisso estão mais uma vez de acordo – diferentes de seus compatriotas pois, agora que são crentes, não precisam mais sustentar a reputação atribuída ao nordestino, principalmente ao cearense¹⁶, de ser um homem irritadiço, de honra muito sensível: “eu disse: ‘então é do lugar de gente valente’; ele disse: ‘mas eu não sou valente não, já sou crente’”.

A transformação pessoal¹⁷ reivindicada pelo patrão dá confiança ao empregado que não hesita em seguida em perguntar sobre a situação da família e, mais precisamente, sobre a disponibilidade das filhas. A intimidade suscitada por uma mesma crença e fortalecida pela mesma proveniência geográfica teria tido, segundo Braz, consequências fundamentais para sua inserção profissional no seringal. Diz ele em um primeiro momento de nossa entrevista que nunca trabalhou como seringueiro, já que o patrão decidiu desde sua chegada encarregá-lo da contabilidade. Enquanto empregado do barracão, controlando o acesso dos seringueiros aos mantimentos e verificando a produção de borracha que eles levam, Braz pertence portanto ao círculo próximo do patrão. Ele pode então pensar em concretizar seu projeto de casamento. Não tardando as línguas a se desatar, Guiomar toma as rédeas e faz ela mesma o pedido ao pai, ajoelhando-se como uma filha respeitosa e determinada como uma mulher de caráter. Ele dá de bom grado sua bênção porque Braz, como ele mesmo diz, “é mo-

reno, mas é um moreno de vergonha'. É porque moreno é a cor. Agora de vergonha porque devido meu procedimento. Eu nunca cheguei perto dela pra conversar, com ela sempre me afastava. Conversava mais com o velho, namorava mais com ele do que com ela", comenta rindo o pastor.

Moreno de vergonha¹⁸: a expressão mostra a persistência dos preconceitos, o estigma da cor não sendo totalmente descartado, mas apenas contrabalanceado pela dignidade do homem – dignidade que, para o pai, decorre talvez do fato de Braz ser crente como ele. A honra do homem de pele escura se mede pelo respeito que ele demonstra por seu patrão. Desde então, Braz pode afirmar que o seringalista diz: “essa questão de ser moreno não quer dizer nada; o importante é o caráter do homem”. Todavia, o casal não insiste em seu projeto de união até o falecimento da mãe, uma mulher que Braz descreve como instruída, profissional e urbana, mas que se incomodava mais com a cor de sua pele do que com seu estatuto social e a sua pobreza.

Eles ficam noivos no começo de 1945, pouco menos de dois anos após a chegada de Braz. Como ele não tem nada além de uma certidão de nascimento emitida pela igreja católica do Rio Grande do Norte, os problemas de documentação começam. Ora, os funcionários da prefeitura de Eirunepé, a cidadezinha mais próxima do seringal, afirmam que isso não é suficiente, sob o pretexto de que “muita gente vem casado” do Nordeste. Em agosto do mesmo ano, Braz decide resolver o problema em Cruzeiro do Sul, segunda cidade do Território de Acre, onde tem contatos na administração. Guiomar não pode acompanhá-lo, pois precisa cuidar do pai, que ficou doente nesse meio tempo. É então com uma procuração no bolso que ele parte sozinho para oficializar sua união: “Pra poder ter ela em meu poder, passei 16 dias fora depois do casamento”, o tempo da viagem de volta. O voto secreto feito por uma Guiomar evangélica teria assim selado a feliz união de um trabalhador “moreno” nordestino com a filha “branca” do patrão.

Interrogado sobre sua experiência como seringueiro, no fim das contas o motivo pelo qual foi à Amazônia, Braz responde sistematicamente evocando sua relação de aliança: “O meu patrão tornou-se meu sogro”. Em seu relato, vislumbra-se todavia uma outra versão de sua integração ao seringal, onde sua ascensão teria sido menos fulgurante do que ele sugere no início. Na verdade, ele teria extraído borracha até seu casamento com Guiomar, e mesmo até sua partida do seringal.

De fato, temendo ser desapossados da herança paterna, os irmãos de Guiomar não veem esse casamento com bons olhos, tendo em vista que um segundo casal se forma sob condições parecidas entre outra de suas irmãs e o companheiro de viagem de Braz, João Gomes de Queiroz, mencionado acima. Com o tempo, o ciúme que os irmãos sentiam dos arigós, como eram chamados os nordestinos vindos durante a batalha da borracha, parece ter desaparecido. Independentemente disso, eles passam ao segundo plano no drama que Braz e sua mulher se esforçam agora para descrever. Com o falecimento do sogro, o período dourado da vida no seringal chega de fato ao fim e fortes tensões surgem entre os dois genros pelo controle da herança. Um mesmo pertencimento religioso não parece então ser suficiente para manter operante uma solidariedade cada vez mais tênue.

Conflitos familiares e partida do seringal

Retomando os acontecimentos sob diversos ângulos, Braz e sua esposa encontram os mais claros sinais de uma traição anunciada do cunhado. Guiomar conta, por exemplo, uma conversa com o pai em que ele teria dado provas de um grande discernimento, sabendo distinguir além da aparência física dos homens sua real têmpera. Queiroz, que fenotipicamente corresponde mais do que Braz ao genro ideal, se vê negado das qualidades morais reservadas pelo pai ao futuro pastor. Os olhos azuis, símbolo de brancura, não compensam uma natureza definida como pouco crente enquanto a cor desvantajosa de Braz é neutralizada por sua obediência aos valores do evangelho. *A posteriori*, o comentário do pai soa como uma advertência: “porque aquele dos olhos azuis, minha filha, eu não gosto dele não, porque ele não tem caráter da pessoa crente. Mas esse moreno é um moreno de vergonha”. O conflito entre os dois homens teria estourado quando Guiomar, que se ocupava do barracão enquanto o pai era vivo, entrega no falecimento deste em 1946 a chave a seu esposo. Essa transferência está perfeitamente de acordo com a representação da posição das mulheres, sempre dependentes de uma autoridade masculina, paterna e depois marital.

No entanto, o que é lógico do ponto de vista de Guiomar, e o gesto que ela efetua com certeza de boa fé, não o é absolutamente para Queiroz. Não somente Braz é para ele um igual do mesmo sexo mas, enquanto genro do seringalista, ele pretende gozar dos mesmos direitos. Queiroz contesta com vigor, então, a apropriação da chave, símbolo da autoridade no seringal e do controle dos seringueiros, uma apropriação que é efetivamente uma maneira concreta de assumir o controle da propriedade. O cunhado tem, além disso, dois argumentos de peso que o ajudarão a vencer: ele foi nomeado gerente da propriedade pelo próprio seringalista e sua esposa é a filha mais velha.

Viver sob as ordens de um homem que é essencialmente visto como um *alter ego* é insuportável para Braz e sua esposa. O futuro pastor esperava, como diz claramente, que seu antigo companheiro se mostrasse solidário em virtude da similaridade de sua trajetória e, talvez até mesmo em razão de sua posição análoga diante dos filhos do seringalista. O estatuto social alcançado por um homem vindo da mesma região, que compartilhou a mesma sorte e as mesmas experiências, fez um casamento parecido e professa a mesma fé lhes recorda sem cessar que Braz poderia ter tido esse destino.

Visto que é impossível de negar as competências de Queiroz em matéria de gestão e seus direitos, o pastor e sua mulher se voltam para a sinceridade de seu engajamento religioso, elemento mais inapreensível, que Braz se tornou, enquanto especialista religioso, apto a decifrar. Seu relato desse episódio inclusive muda sensivelmente de tom. O ponto de vista religioso não serve mais apenas para ordenar os acontecimentos ou explicar seu itinerário pessoal. Ele lhe permite interpretar os conflitos internos de um grupo onde todos reivindicam o pentecostalismo, contestando a autenticidade da fé de alguns. A atitude e as ações de cada um são então examinadas para discernir os sinais de uma crença “de capa”. No caso específico do cunhado, a “opressão” na qual este teria mergulhado os habitantes

de Boa Esperança (que inclui os filhos legítimos, obrigados a “tirar lenha” para obter mercadorias) e seu temperamento belicoso, que o teria levado a usar armas contra o vizinho de Bom Jardim, são outros elementos tidos como indignos de um “verdadeiro” evangélico. Isso autorizaria Braz a tirar a seguinte conclusão: “ele só era crente dos dentes prá fora”.

A lembrança que o casal guardou dessa época de sua vida é de um período de servidão a um patrão que os “queria escravizar”. Esses termos vêm claramente alimentar um tema importante na Amazônia e no Nordeste brasileiro: o cativo que permite aos habitantes do interior caracterizar situações bem diversas, indo de contextos sociopolíticos gerais a situações cotidianas particulares (Velho 1995). A observação de Otávio Velho sobre a relação entre explicações da migração e crenças do catolicismo parece bastante pertinente no caso do movimento evangélico: “as razões invocadas [para migrar...] estão plenamente integradas à tradição bíblica, dentro da qual, desde pelo menos o Exôdo, o deslocamento representa uma fuga do cativo” (idem:30). Assim, é para escapar desse estado de cativo que, desistindo de reivindicar direitos sobre o seringal, Guiomar teria convidado seu marido a abandonar tudo para se consagrar inteiramente, como ela diz, à obra de Deus. Sua abdicação incondicional, assunto que volta várias vezes durante a entrevista, não deixa de ser surpreendente da parte de uma mulher que se mostrou bastante combativa em outras ocasiões, em particular quando se tratava de converter as populações dos arredores. É provável que a situação financeira desastrosa do seringal e a possibilidade de obter um empréstimo do banco os tenha impelido a partir¹⁹.

A continuação da história é, como se podia esperar, a de um castigo que persistia até o momento de nosso encontro com um Queiroz, agora cego e com uma só perna, vivendo sozinho em uma periferia pobre de Manaus depois que abandonou mulher e crianças e cedeu, em 1953, Boa Esperança ao vizinho católico de Bom Jardim²⁰. Curiosamente, Braz evoca também para si mesmo a ideia de um “erro” pelo qual teve de pagar. De fato, sem condição de arcar com as despesas da viagem de duas pessoas à Manaus, ele mandou a sua esposa representar ambos durante o inventário da herança, aconselhando-a a falsificar sua assinatura como se ele estivesse presente. O que ele nem sequer imaginava é que dava assim seu consentimento a transações que os privariam de tudo. O sentimento de que uma “fraude” pudesse ser desagradável ao seu Deus ou que um desvio da lei dos homens fosse um pecado do ponto de vista da religião não estão relacionados aqui. O julgamento de Braz parece se apoiar mais sobre a constatação de uma situação de fato onde ele próprio se colocou e da qual ele deve assumir todas as consequências, ou seja, a saída do seringal em 1949 em um estado de extrema penúria, “só com os filhos, a rede que nós tinha”.

Uma carreira religiosa

A dimensão religiosa se faz presente na interpretação desse episódio pelo pastor somente quando ele evoca uma vocação anterior à sua partida do Nordeste, pois, se ele se tornou soldado da borracha, afirma, foi para vir gratuitamente à Amazônia – “muito

embora que era como que um curral” – cumprir um destino. Este virá a se realizar em Boa Esperança, onde os convertidos se reúnem na pequena igreja de tábuas, coberta de telha, erguida no ano da chegada do nordestino, em 1943, sob o impulso de Guiomar. Braz conta que os dois já estão noivos, quando um pastor de Manaus que está de passagem, em 1945, propõe-lhe ocupar a função de dirigente da congregação, impondo, no entanto, uma condição essencial: que se case logo. A união legal é de fato uma exigência da hierarquia da Assembleia de Deus para dar crédito a homens que conseguiram agregar em torno de si um núcleo de indivíduos. Aliás, é bem provável que os esforços dispensados por Braz para conseguir casar-se com Guiomar rapidamente remetam a essa obrigação.

Nessa perspectiva de profissionalização religiosa, a partida do seringal em 1949 é tida não mais como um ato compulsório, mas voluntário. A partir de sua nomeação como dirigente da congregação de Boa Esperança, Braz estreitou seus laços com a Assembleia de Deus. Assim, voltou três vezes a Manaus, onde acontecem as convenções que reúnem todos os responsáveis religiosos. Na ocasião de uma assembleia, ele é “separado evangelista” e convidado a assumir como “pastor” a igreja da pequena cidade de Lábrea (Amazonas), no rio Purus²¹. Nessa versão, é então para realizar sua missão que ele deixa o seringal.

Vale a pena se deter um instante sobre os diferentes termos mencionados, bem como sobre o processo de enraizamento e de institucionalização do pentecostalismo que eles sugerem. O evangelista é em princípio quem abre novas frentes religiosas em nome de uma dada igreja. Levado a se deslocar bastante, ele deve “se entregar” a Deus no que tange ao seu sustento. O dirigente lidera a congregação que a ação do anterior fez surgir e vive de uma parte do dízimo que cada crente local lhe dá. Um pastor “consagrado” e (supostamente) assalariado é por fim enviado para administrar a igreja, formada de um templo central na cidade e várias congregações nos bairros e/ou no interior.

Mesmo que, quando nos falamos, a proposta recebida por Braz soasse ainda aos seus ouvidos como uma promoção, não há dúvida de que assumir uma função “como pastor” e ser pastor, mesmo hoje, são duas coisas bem diferentes. Em Lábrea, o tamanho do grupo de crentes – três famílias, segundo diz – se revela mais próximo de uma congregação minúscula do que de uma igreja, mesmo modesta. Braz vai então se empenhar em aumentar o número de convertidos, multiplicando os pontos de pregação²² e fundando novas congregações para formar uma igreja digna desse nome, ou seja, que tivesse uma renda regular e dispusesse de uma casa pastoral. Isso não será fácil. Ele não nega que teve de fazer “bicos” (fabricação e venda de carvão de madeira) para sobreviver. Com nove filhos, a miséria não estaria tão longe se sua esposa não tivesse também contribuído com seu trabalho (venda ambulante de doces, lavadeira) para melhorar a renda da família. Nominalmente pastor, ele agiu durante cinco anos apenas como dirigente e, com mais frequência, como evangelista, tendo por única bagagem sua capacidade de convencer e recrutar.

Em 1954, Braz deixa Lábrea e vai para Sena Madureira, outra cidadezinha situada em um afluente do Purus, no estado do Acre, onde a Assembleia de Deus pretende

abrir “trabalhos”. Chamado mais uma vez para ocupar a prestigiosa função de pastor, ele passará quatro anos a mais lutando aos poucos para conquistar as almas católicas, como o evangelista que sempre foi.

Seu dinamismo e seus resultados lhe valem, todavia, ser enfim consagrado pastor em 1958, na convenção que acontece em Rio Branco, capital do estado. É então um pastor oficialmente reconhecido pela hierarquia da Assembleia de Deus que vai à cidade de Cruzeiro do Sul em 1959. Mas mesmo essa mudança de estatuto não tem efeitos imediatamente perceptíveis do ponto de vista da estabilidade material da família. Apesar do primeiro evangelista ter chegado à cidade trinta anos antes, Braz não encontra, segundo documentos da igreja, mais do que quarenta e dois crentes – um fato que, por outro lado, atesta bem a lentidão da implantação do pentecostalismo. Durante seus vinte e quatro anos de atividade, ele se mostrará portanto tão empreendedor quanto foi antes e seu pastorado será de uma notável longevidade: participa da primeira convenção regional quando o ministério do Acre se emancipa da igreja de Manaus, organiza programas de rádio evangélicos, constrói o primeiro templo de concreto, funda o coral da igreja e multiplica os pontos de pregação.

Antes de começar uma bem merecida aposentadoria em 1987 e contemplar com orgulho a bela jornada de um migrante nordestino que se tornou pastor na Amazônia, Braz viveu uma época de vacas magras que se compreende ter durado mais tempo do que gosta de admitir. Como a maior parte dos congregados ganha apenas o suficiente para viver, quando não desempregada, o pastor-evangelista nas pequenas cidades ou no interior recebe com mais frequência uma galinha ou farinha de mandioca do que dinheiro. Durante muito tempo, então, Braz não pode oferecer à sua família condições melhores do que as do seringal.

A palavra final: fazer da queda um trampolim

Na narrativa de sua história depois da partida do seringal, assuntos familiares e pertencimento religioso nunca deixarão de estar intimamente ligados. Guiomar parece estar resignada ao fato da sua irmã ficar com o controle da propriedade, como primogênita. No entanto, ela não se acomoda ao eterno segundo lugar, pois sua irmã também a precede cronologicamente na longa corrente de conversão dos moradores de Boa Esperança. Quando nos encontramos, Guiomar se esforça para conseguir discursivamente uma revanche grandiosa, à qual ela associa indiretamente seu marido que se tornou pastor, referindo-se aos Evangelhos.

Sua irmã mais velha, conta Guiomar, adere ao pentecostalismo quando está no Rio de Janeiro, capital do país na época, o que faz com que ela seja expulsa do colégio católico onde é interna, um missionário pentecostal sueco lhe oferecendo então hospitalidade durante algum tempo. De volta a Manaus em 1942, ela conversa até de madrugada sobre sua fé recente com Guiomar, que guarda uma lembrança bem precisa desse momento. A católica fervorosa que ela era na época, nunca dormindo sem rezar

à Virgem e aos santos, teria se mostrado bastante receptiva à mensagem recebida. Segundo ela, a longa discussão teve repercussão imediata em um sonho²³, e depois na realidade também quando, na manhã seguinte, descobre que, pela simplicidade de seus modos, ela se parece com os crentes até então desconhecidos dela. Essa sucessão de eventos acaba em uma conversão espetacular por sua rapidez: respondendo ao chamado do pastor de manhã, ela fala em línguas à tarde e é batizada com água alguns dias depois. A narrativa de sua adesão ao pentecostalismo contrasta com a de Braz, mais de acordo com as narrativas habituais, onde alternam períodos de participação intensa com momentos de afastamento.

Mesmo que Guiomar não negue ter sido introduzida ao pentecostalismo por sua irmã, ela afirma ter ido mais longe nesse caminho. O sonho desperto da primeira noite, com os anjos, o mar que ela atravessou, a montanha que escalou e a beleza de cada coisa, se revela mais do que uma ilustração dos temas da salvação e do renascimento caros aos evangélicos. O sentido do anúncio enigmático feito por um dos anjos (“você não sabe que foi a última e que é a primeira”) vai se ancorar nas relações familiares para lhe dar o valor de profecia. Segundo Guiomar, sua irmã pode ter sido a primeira a se converter, mas se casou com o homem ruim, enquanto ela mesma nunca deixou de trabalhar pelo Senhor e hoje se encontra recompensada estando casada com um pastor consagrado. Da mesma forma, ela sugere que Braz teria na verdade perdido o controle da propriedade apenas para se consagrar melhor à sua carreira religiosa: últimos no seringal, eles se tornaram os primeiros, abraçando a missão.

Relacionando os sonhos de fortuna dos migrantes com os movimentos messiânicos no Nordeste, S. Benchimol escrevia: “a seringa [amazonense] é a versão do milagre [nordestino]. Em vez da reza, o tiro; da promessa, a pontaria [...]. O destino que o imigrante traz deve ser entendido em função desse acesso messiânico de libertação econômica pela posse doida da seringa” (1992:91). A aproximação operada pelo autor (ibid.) entre “misticismo religioso” e “misticismo econômico” tem o grande mérito de ressaltar a profunda imbricação dessas duas dimensões na trajetória dos migrantes nordestinos. Sabe-se que a seringa raramente favoreceu seu enriquecimento rápido e que ela permitiu com frequência a servidão em uma estrutura social e um sistema de produção particulares. Todavia, alguns dentre eles, como Braz, encontraram sua versão do milagre amazonense no pentecostalismo, adotando outras preces e outras promessas.

Como indicou Velho (1995), mesmo que as crenças do catolicismo delineiem um pano de fundo a partir do qual podem ser ordenados os eventos mais gerais, elas só se tornam um motor eficaz da ação no caso dos messianismos, que procuram reproduzir na Terra a cidade ideal²⁴. De maneira bem diferente, as crenças do pentecostalismo continuamente incentivam o fiel à atividade e ao trabalho religioso: no templo, deve testemunhar seu renascimento, tomando a palavra publicamente; fora da igreja, o proselitismo é obrigatório, já que ele deve salvar o maior número possível de almas. A experiência religiosa adquirida através do dever de testemunhar e de converter incita portanto constantemente o indivíduo a se projetar no futuro, com a salvação

no além e o reconforto da congregação na Terra, e, para alguns, a carreira religiosa como recompensa.

Por fim, não se pode deixar de atentar à expressão “cativeiro”, quando se trata de um movimento religioso que fez da palavra “liberação” sua bandeira²⁵. Falando de sua adesão religiosa como de uma ruptura, os evangélicos evocam, mesmo que pese sobre eles a estrutura autoritária das igrejas, a liberação benfeitora que teriam conhecido: de “eu era prisioneiro do meu patrão, do álcool, das tentações, etc” a “eu sou feliz com Jesus e entre meus irmãos”. O episódio da partida de Braz e sua esposa do seringal é relatado de maneira análoga: ao cativeiro inicial sucede o engajamento religioso e a libertação. Um duplo deslocamento é então efetuado: no espaço, em busca de uma melhora das condições de vida, mas também simbólico, acessando o poder libertador da graça, que lhes permite recomeçar em outro lugar e melhor do que antes.

Tradução de Pâmela Lima, revisão de Patrícia Reuillard.

Referências Bibliográficas

- BENCHIMOL, Samuel. (1992), *Romanceiro da batalha da borracha*. Manaus: Imprensa oficial.
- BOYER, Véronique. (2008), *Expansion évangélique et migrations en Amazonie brésilienne : la renaissance des perdants*. Paris: IRD-Karthala.
- CHESNUT, R. Andrew. (1997), *Born Again in Brazil. The Pentecostal Boom and the Pathogens of Poverty*. New Brunswick/New Jersey/London: Rutgers University Press.
- CORTEN, André. (1995), *Le pentecôtisme au Brésil*. Paris: Karthala.
- IBGE. (2010), “Características gerais da religião”. In: *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf – consultado em 15/06/13.
- JULES-ROSETTE, Benetta. (1976), “The Conversion Experience: The Apostles of John Maranke”. *Journal of Religion in Africa*, VII, 2: 132-164.
- CETRULO NETO, Francisco. (1995), *Os que semeiam chorando ceifarão com júbilo: a origem da Igreja Assembléia de Deus em Belém*. Belém: Dissertação de mestrado em Planejamento do Desenvolvimento, Universidade Federal do Pará.
- MARTINELLO, Pedro. (1988), *A ‘batalha da borracha’ na segunda guerra mundial e suas conseqüências para o vale amazônico*. Série C – Cadernos da UFAC. Rio Branco: EDUFAC.
- PANTOJA, Mariana Ciavatta. (2001), *Os Milton. Cem anos de história familiar nos seringais*. Campinas: Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. (1976), *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Alfa-Ômega.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. (1953), *O seringal e o seringueiro*. Documentário da vida rural, n. 5. Rio de Janeiro: Serviço de informação agrícola.
- SANTOS, Roberto. (1980), *História Econômica da Amazônia, 1800-1920*. São Paulo: Queiróz.
- VELHO, Otávio. (1995), “O cativeiro da Besta-Fera”. *Besta-Fera: Recriação do Mundo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- WOLFF, Cristina Scheibe. (1999), *Mulheres da Floresta: uma história : Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec.

Notas

- ¹ Dentre eles, trinta mil são originários do estado do Ceará, assim como Braz (Martinello 1988:313). As estimativas de Benchimol (1992:116) são superiores, estimando 150.000 soldados da borracha em toda a região.
- ² “Patrão” é o termo que designa a pessoa que gerencia o seringal, podendo ser ou não o proprietário legal da terra. Ver Pantoja (2001) e Wolff (1999:63) sobre a ocupação ilegal de terras.
- ³ C. Wolff observa que, em 1925 (período anterior à chegada de Braz), “a maioria dos homens que se casavam no período eram provenientes do Nordeste, ao passo que boa parte das mulheres eram nascidas na região amazônica” (1999:116).
- ⁴ O pentecostalismo foi introduzido no Brasil por dois missionários suecos ligados à corrente do Avivamento nos Estados Unidos. Em 1911, eles fundam em Belém do Pará a primeira congregação da Assembleia de Deus. Sobre a história dessa igreja, ver Francisco Cetrulo Neto (1995).
- ⁵ Segundo o IBGE, em 2010, quase 12.300.000 pessoas declararam fazer parte da Assembleia de Deus, ou seja, aproximadamente 29% dos evangélicos do país.
- ⁶ Para exemplos desse tipo, ver Boyer (2008).
- ⁷ É provável que as mudanças de Braz tenham sido consequência do fechamento das salinas, como foi o caso dos imigrantes interrogados por Samuel Benchimol em 1942-43 em Manaus (1992:137).
- ⁸ O novo fiel é efetivamente integrado de forma progressiva à comunidade pentecostal. Esse processo de conversão por etapas, sancionadas por rituais diferentes, se encontra também na igreja africana descrita por B. Jules-Rosette (1976).
- ⁹ A ocupação da Amazônia se intensificou com os fluxos migratórios que, entre 1870 e 1945, estão principalmente ligados às atividades extrativas de produtos da floresta. Sociedades comerciais e bancos internacionais organizam então campanhas de recrutamento no Nordeste para reunir a mão de obra necessária para a coleta de goma, já que a população indígena que havia sobrevivido à colonização não supria essa necessidade. As capitais amazonenses como Belém e Manaus demonstram rapidamente os resultados do afluxo maciço de capital: elas se enfeitam de obras arquitetônicas grandiosas como os teatros e a vida social das elites acontece no ritmo dos saraus literários e das visitas de artistas europeus. A euforia desse período de opulência dura pouco no entanto. A chegada aos mercados internacionais da produção de seringueiras introduzidas no Sri Lanka e na Malásia pelos ingleses provoca em 1912 uma queda de cotação à qual a economia regional, que apostava todas as fichas na borracha, não resiste. A goma cultivada pela concorrência asiática prejudica a extração de látex nas florestas amazônicas. A região passa por um momento de declínio, as cidades voltam ao seu torpor e os nordestinos que conseguiram guardar um pouco de dinheiro voltam para casa. Sobre esse período da história da região, ver Santos (1980).
- ¹⁰ Durante a Segunda Guerra mundial, a ocupação pelos japoneses das plantações da Malásia tira dos Aliados sua principal fonte de borracha, obrigando-os a se voltarem para a Amazônia. Em março de 1942, os Estados Unidos e o Brasil assinam os Acordos de Washington: o primeiro se compromete a financiar o desenvolvimento da produção de matérias-primas indispensáveis à indústria bélica americana; o segundo aceita reativar a extração de borracha silvestre e vender os excedentes a *Rubber Reserve Company* (Martinello 1988:90-99). As autoridades brasileiras criam, para enquadrar e apoiar a extração de látex, várias instituições: o Banco de Crédito da Borracha, o Instituto Agrônomico do Norte, o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), o Serviço Especial de Saúde Pública (SEPS), citando alguns (Benchimol 1992:72-73). A propaganda oficial apresentava a participação do Brasil na guerra como “a batalha da borracha”.
- ¹¹ A seca de 1942-43 no Nordeste constituiu certamente a motivação das primeiras migrações (Benchimol 1992:115), mas outros fatores, como o desejo de enriquecer rapidamente, a curiosidade de encontrar regiões desconhecidas e a vontade de mudar de profissão não poderiam ser negligenciados pelas ondas seguintes (Pantoja 2001:106, 132-133). Por outro lado, a primeira migração era essencialmente fami-

liar, enquanto as seguintes eram alimentadas por homens solteiros sem profissão definida (Martinello 1988:224-225). Entre os migrantes que sobreviveram aos surtos de malária ou às sequelas de várias doenças não curadas, alguns retornaram a suas regiões de origem enquanto outros se instalaram definitivamente na Amazônia, por escolha ou por necessidade. Todos caíram no esquecimento. Foi preciso esperar que o movimento dos seringueiros se impusesse na cena internacional, no fim dos anos 1980, para que os políticos brasileiros se sentissem tocados pelos soldados da borracha que sobreviveram. O direito de receber uma pensão do governo será registrado na nova Constituição Federal, de 1988.

¹² Ver mapa 1.

¹³ Ver mapa 2.

¹⁴ Wolff (1999:67-68) nota que existiam várias outras funções intermediárias além de guarda-livros: empregados de balcão, mateiros e fiscais, agricultor, caçador e pescador. Ver Reis (1953:113-116) para uma descrição das diferentes funções.

¹⁵ Nos anos quarenta, esse autor já tinha observado que as expressões “freguês” e “patrão” não remetem à mesma percepção de realidade: “o freguês não vê sociologia, mas economia – meu patrão”. Este fala em termos sociológicos, num simulacro de liberdade que lisonjeia – ‘o freguês manda’” (Benchimol 1992:43).

¹⁶ O termo “cearense” acabará por designar todos os nordestinos, independentemente do estado de origem.

¹⁷ O tema do renascimento pessoal é recorrente. Ver Boyer (2008).

¹⁸ Pantoja (2001) e Wolff (1999) citam uma expressão comparável: “preto de confiança”.

¹⁹ Ver Martinello (1988:293) sobre a falta de envolvimento do estado depois de 1945.

²⁰ A venda da propriedade a “um perseguidor do evangelho” revela ainda a duplicidade de sua fé aos olhos de Braz e sua esposa.

²¹ Ver mapa 2 para as cidades citadas.

²² Os pontos de pregação não são estritamente reservados às atividades religiosas. Uma congregação principiante pode se reunir numa casa particular, numa escola ou no barracão comunitário até que ela tenha condições de construir uma igreja.

²³ “Eu sonhei, andando num caminho, [...] não tinha fim e eu ia na frente. Todos com um pau na mão, coroa e as vestes comprida, a coisa mais linda do mundo, e eu era da frente, naquele batalhão era da primeira”.

²⁴ Para uma análise dos movimentos messiânicos no Brasil, ver a obra de M. I. Pereira de Queiroz (1976).

²⁵ Para André Corten (1995), a liberação do pentecostalismo consiste em nomear a realidade do mundo dos miseráveis para invalidá-la pela conversão. A análise de R.A. Chesnut vai na mesma direção: a conversão dos crentes “os vacinari[a] contra a maior parte das doenças da pobreza” (1997:91).

Recebido em março de 2013.

Aprovado em outubro de 2013.

Véronique Boyer (veronique.boyer@chess.fr)

Diretora de pesquisa do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*, França) e diretora do laboratório de pesquisa *Mondes Américains* (Paris). Autora de *Femmes et cultes de possession au Brésil* (L'Harmattan, 1993) e de *Expansion évangélique et migrations en Amazonie brésilienne* (IRD-Karthala, 2008). Trabalha atualmente sobre a formulação de reivindicações identitárias na mesma região.

Resumo:

Fazer da queda um trampolim: ou como um soldado da borracha se tornou pastor

O artigo contempla a trajetória de um nordestino que, durante a Segunda Guerra Mundial, foi para o estado amazonense do Acre, onde se tornará um dos primeiros pastores da Assembleia de Deus. A análise da narrativa de Braz procura entender o discurso e as práticas religiosas levando em conta os interesses econômicos, políticos e sociais dos protagonistas. Torna-se então claro que a missão religiosa, interpretada pelo pastor como o resultado de um chamado divino, é forjada por alianças e disputas de natureza mais material.

Palavras-chave: Pentecostalismo, seringal, carreira religiosa, migração.

Abstract:

Rebounding from a fall: or how a rubber soldier ended up as an evangelical pastor

This article tells the story of a *Nordestino*, Braz, who went to the Amazonian state of Acre during World War II, where he became one of the first ministers of the *Assembleia de Deus*. Through an analysis of this narrative the article draws attention to religious discourse and practice with the social, political and economic interests of the protagonists. Although the minister explains his mission as the result of a divine calling, there can be little doubt that it is also shaped by the alliances and disputes of a more material nature.

Keywords: Pentecostalism, rubber plantation, religious career, migration.